

A JUSTIÇA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA "JUSTIÇA"

SEMANARIO DEMOCRATICO VIMARANENSE

Redacção e Administração: Rua de D. João I

Editor e Director — ANTONIO DA SILVA CARVALHO

Composição e Impressão: Typographia GUSC

Em terra...

Toda a gente tem assistido boquiaberta ao rápido baquear d'alguns membros da comissão administrativa da Camara Municipal de Guimarães, que arrastam consigo, no enorme trambolhão, toda a collectividade, e de outros radicaes tristemente celebres.

Não somos nós que os dizemos em terra. São elles que propriamente o confessam e d'ahi a admiração geral e a estupefacção, em especial, d'alguns ingenuos que os adoravam como deuses sapientissimos e inderribaveis, não pela sua divindade magestatica, mas porque tinham em suas mãos a tentadora cornocopia das graças que faz embotar os espiritos atacados de auricidia, essa epidemia infernal que tanto tem infestado o nosso desditoso paiz, causando-lhe mais estragos do que uma mortal cholera morbus ou uma fatalissima peste bubonica.

Tambem não fomos nós que, por qualquer forma, influimos para que lhes fosse faltando de sob os pés a areia alagadiça de que a peanha que servia de base á sua olimpica grandeza era formada.

Não.

Elles a foram derruindo pouco a pouco, na ancia de mais subirem.

Julgavam-se ainda baixos para dominarem a seu bel-prazer o povo de Guimarães, e pretenderam elevar as suas parnaseas figuras até ás culminancias do absurdo, para de lá poderem dar as suas ordens á vontade, sem que o povo, soffredor das consequencias dos seus desvarios, podesse attingil-os com a sua ira.

Era necessario transformar a peanha quebradiça em pedestal gigantesco e solido, mas... o terrivel mas! — a materia era pouca e, essa mesma pouca, muito fraca para a almejada obra.

Era, porem necessario subir custasse o que custasse.

Patria, Republica, Liberdade, Direito, Razão, Povo, o que era isso?

O que era isso a par da sua imperiosa vontade?

Oh gloria de mandar, oh vã cubiça,
D'essa vaidade a que chamamos fama

Já o dissera Camões.

A Republica fez-se para nós dizem-no certos republicanos. Nós podemos fazer o que quizermos e vocês só o que nós mandarmos e consentirmos.

Era pois necessario subir, custasse o que custasse.

A Patria oppunha-se? Desprezou-se a Patria!

Os sagrados Principios da Republica eram contrarios? Esqueceram-se os Principios, porque só os meios eram necessarios para chegar ao fim!

A Liberdade combatia? Aniquilou-se a Liberdade!

O Direito protestava? Annullou-se o Direito!

A Razão sensurava? Derrubou-se a Razão!

E se o Povo reagir ca'ca-se o Povo!

Era necessario subir, custasse o que custasse.

E n'este frenezí diabolico, elles lançaram mãos á obra, mas, por falta de materia, tanto adelgacaram o fragil esteio, que o mais ligeiro sopro do vento da indignação ameaçava destruil-o.

Mas subiram! E lá do alto, cegos pela vaidade e toldados pela ambição, despedem contra todos a virus pestilenta do seu idiotismo.

Os desgraçados que não tiveram coragem para lhes resistir, eram aproveitados para realizar a satisfação dos seus nefandos caprichos e das suas desmedidas e abominaveis ambições, e os fortes de espirito, esses que não se vergam ante a infamia e a crapula, eram perseguidos, ameaçados e injuriados pela matilha, que os apontava como inimigos das instituições.

Tudo isto a dentro da Republica d'este sublime regimen de Paz e Liberdade, de Ordem e Igualdade!

Guimarães era um pequeno sobado dos sertões africanos, onde reinava a intriga e a calumnia, e onde os sobas eram tantos que não se sabia quem era que mandava.

Foi necessario que uma rajada mais forte da indignação popular derrubasse as divindades sobaes, precipitando-os no nada de onde tinham sahido.

E os archanhos cabidos, como a biblica legião de Lucifer, arreados da sua omnipotencia e esbulhados do seu chimerico poderio, continuam minando na sombra as mais insensatas perturbacões da ordem publica, para comprometter um povo em cujos peitos flameja um encendido amor pela sua Patria, presidida hoje por um homem notabilissimo e digno do mais acrisolado respeito.

Continuem as toupeiras na sua obra devastadora e infame.

Não conseguirão macular este povo cheio de hiroicidade e abnegação.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Pouco depois da publicação da intangivel (!) lei da Separação das Igrejas do Estado, alguém nos mimoseou com um exemplar do terrivel decreto, poupando-nos a despeza de 50 reis, que provavelmente teriamos de fazer para podermos contar na nossa bibliotheca a collecção completa das obras dictatoriaes do Governo Provisorio.

Apezar do preço com que a conseguimos, confessamos que não nos tinhamos dado ao trabalho da sua leitura, já por ser excessivamente extensa, já porque conjecturáramos que nunca a celebre lei chegaria a fomentar tão encarniçada celeuma,

como presentemente se está vendo.

O tempo, porem, como o melhor mestre, desilludiu-nos, exigindo de nós o pequeno sacrificio do estudo dos capitulos que mais temem corrido para os serios e justos reparos que a criteriosa imprensa ultimamente lhe tem feito.

Para nossa orientação reconhecemos, pois, o indeclinavel dever de analysar imparcial e detidamente tanto o que o legislador decretou como o que os jornalistas, mais cotados, a tal respeito não escripto.

Diariamente alimentamos nosso espirito com a sublime doutrina que o distincto jornalista e publicista, snr. dr. Antonio Claro, com um aprumo, tenacidade e senso invulgares, tem exposto no conceituadissimo jornal de que é Director.

Pelos seus soberbos e magistraes artigos, de ha muito concluíramos — e já disse a attitudo do povo do norte e do clero em geral para com a tal lei nos tinha convencido — que o snr. ministro da justiça não chegaria a ver a sua obra coroada do exito, que auspiciava, talvez pela precipitada ou pouca ponderação com que a fizera, ou ainda, é o mais provavel, como fructo do seu espirito arrojado e demasiado revolucionario.

S. Ex.^a esqueceu-se de que não é com vinagre que se caçam moscas mas sim com assucar. Dahi o desdem com que a maioria do clero ouviu o pregão da offerta das pensões, considerando o aviltamento á sua dignidade de sacerdotes todas as promessas e garantias que lhes offerece o referido decreto. Todos os espiritos lucidos previam este desenlace.

Ninguem se atreveu a negar ao clero o direito de rejeitar, ou não, os subsidios que o Estado se promptificou a dispensar-lhe.

Rejeitou-os?!... quem sabe se para mostrar a S. ex.^a que a Igreja triumphar e triumphará apezar de muitos sacrificios e lagrimas e da sua prophécia irrisoria de que brevemente em Portugal não haveria catholicos!

Já Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurelio, Septimio Severo, Maximino, Decio, Valeriano, Aureliano, Diocleciano, como outras tantas feras esfaimadas, investiram contra o chistianismo n'uma serie de perseguicões (10), de violencias e crimes que enodaram de sangue, para sempre, as paginas da historia de Roma, e comiudo não conseguiram apagar a fé do seu povo, antes, como diz a historia, «o sangue dos martyres parecia semente de christãos».

Com que auctoridade, em que se estriba pois, o snr. A. Costa quando afirma que a sua lei será a coveira da religião, que a maioria da nação portugueza professa, ama e defenderá até, se preciso fór, a troco de seu sangue!

Não obstante estas logicas e invenciveis affirmacões, confirmadas pela historia dos povos de todos os seculos, não sentimos forças suffi-

entes para chamar ao ministro legislador, ignorante, por conhecermos S. ex.^a como um intelligente e um tribuno de grande merecimento, de quem não calamos qualidades de estadista.

Sim, A. Costa tambem é um estadista. Mas, é certo que a promulgação da Lei da Separação das Igrejas do Estado podou a S. Ex.^a bastantes attributos que até então enriqueciam seu nome, antes do governo, considerado uma gloria da democracia...

Pena é, com sinceridade o dizemos, que nomes, assim brilhantes, desapareçam tão fatidicamente com a espessa nuvem do desengano!

V. M. F.

— P. S. No numero anterior passaram algumas imperfeicões, sobretudo de pontuação, que o bondoso e intelligente leitor desculpará. Precipitações dos typographicos...

CHRONICA

Havia caciques no tempo da extinta monarchia: é uma verdade que amarga ainda aos da rotina velha e pódre.

Mudaram os tempos, mudaram os ventos, todavia, nem sempre uma completa satisfação nos anima, a nós os democraticos, quando nos vimos obrigados a confessar que uma negra nuvem se desenha ainda, destas figuras despreziveis coberta pelo reposteiro d'uma triste camara... ardente.

Os caciques tinham privilegios sem conta e bons caminhos para as suas propriedades: eu não levo a mal que cada um trate de si, até acho razoavel aquelle velho aforismo — Este mundo é de quem mais ganha... e é bem tolo o que deixa os seus interesses para se lembrar dos alheios, que nada lhe agradecem. Ora um cacique não está certamente neste caso: um cacique é, para mim, um typo fino, intelligente e... Consciencioso. Esperto é-o por natureza; á sombra do celebre capacho da Urna elle consegue ver-se sempre bem pago dos seus... trabalhos.

Dizia ha tempos o *orgão* da nossa municipalidade querendo ridicularisar os caciques.

— Na Camara Municipal patrocinaram-se todas as estradas e caminhos para quintas de simples serventia particular.

Confirma-se esta verdade certamente e foi caso que sempre mereceu os reparos dos pobres Constituintes que, d'esta forma viam desaparecer do cofre Camarario os seus cobres que tanto lhes custaram sem lhes ficar a consloação de os ver bem empregados numa obra de geito e de alcance para a sua terra!

Nunca uma camara se lembrou de fazer construir bairros para operarios, com habitacões salubres e baratas; nunca! E, apesar de tudo,

A JUSTIÇA

o operário vive sem conforto e sem hygiene em velhos e arruinados par-dieiros. Ha infecções por esses lu-gares que são uma calamidade, um horrór, uma desgraça!

Pois senhores, queríamos vêr derrubados, por terra, todos os caciques para nos sentirmos mais ani-mados com a doce esperança que a Republica nos trouxe no seu pro-gramma todo elle uma virtude santa de principios humanitarios. Engana-mo-nos, quanto a Guimarães, quan-do pensamos que uma nova aurora nos surgia com os apregoados me-lhoramentos em que a nossa camara pensou nos seus principios.

Consultou as collectividades lo-caes; queria fazer *outra* com a opinião do povo, todos lhe deram louvores e planos, até hoje porem, só os caciques conseguem o que querem: o povo, esse teria de pagar mais im-postos, porque anda eram pequenos os que pagava. O carvão, oh! o cê-e-bre carvão daria mais 20 reis em aróba, o petróleo, oh! o petróleo, uma moeda de dez reis mais em ca-da litro! E assim era preciso. Os caciques queriam ainda uma estrada cal-cetada para em serviço particular e essa verba ia certamente desequilibrar o orçamento!

O povo reagiu e... não pagou: mas a estrada faz-se *com a praça da casa!* Despacham-se cantoneiros e... a coisa vai!

A urna caciques d'uma figa, a urna para S. João de Ponte!

Isto é que é moralidade!

Romano

Por seu... DAMO

O órgão da comissão da Camara vem á estacada defender o vereador de Vizella e declarar pela forma mais terminante e cathorica que é absolutamente falso tudo quanto sobre o jogo em Vizella se tem dito da Camara Municipal de Guimarães (comissão administrativa).

Que lá por casa do órgão, havia falta de senso, sabiamos nós, mas, com franqueza, nunca imaginamos que fosse tanta.

A afirmação *terminante e cathorica* da «Velha Guarda» é o que ha de mais absurdo e de mais estúpido.

E senão, veja-se como ella saca de a agua do capote da comissão administrativa da Camara e a do proprio:

Nem a Comissão Administrativa da Camara Municipal, nem, tampouco, a Comissão Municipal Republicana (politica) tiveram qualquer interferencia, por minima que fosse, em tal assumpto.

Nas sessões da Camara assim como nas da Comissão Municipal nunca se falou sequer em jogo.

Não queremos saber do que particularmente alguém tenha tratado sobre essa questão, porque não é costume nosso discutir senão actos publicos e officiaes.

Temos portanto que a comissão da Camara não teve *qualquer interferencia* na auctorisação do jogo em Vizella, e que a «Velha Guarda» não quer saber do que *particularmente* alguém tenha tratado pois só discute actos publicos e officiaes.

Pois nós, discutindo tambem só actos publicos e officiaes, vamos mostrar á «Velha Guarda» que *falta á*

verdade, geito que lhe ficou de nas-cença, e que esse fingido escrupulo em discutir só actos publicos e officiaes não é no caso vertente, mais do que uma infecta sargeta por onde ella pretende fugir á discussão d'este caso importantissimo.

A comissão parochial republicana de Vizella officiou ao digno administrador do concelho, perguntando-lhe o destino dado pelo vereador d'aquelle pelouro ao dinheiro que recebeu das casas de jogo que lá funcionavam.

S. Ex.^a chamou o referido vereador e, mostrando-lhe o officio, convidou-o a dizer o que se lhe offeres-se, ao que elle respondeu que *essas contas ainda estavam por fazer*.

Officialmente, e pela bocca do proprio vereador do pelouro, sabemos que ha *contas* por fazer entre a vereação e as casas de jogo em Vizella.

Ora essas contas, são por força, de *dinheiro*, pois não nos consta que o vereador de Vizella, ou qualquer outro membro da vereação, seja fabricante de rosarios.

Querem coisa mais official e publica?

O vereador de Vizella, na sua qualidade de membro da comissão administrativa da Camara, garantiu aos proprietarios das casas de jogo o funcionamento das mesmas sem serem encommoadas pela auctoridade respectiva, mediante o pagamento de 3.000 reis diarios por cada casa.

O vereador era o proprio que, em pessoa, ia receber o prego do seu contracto.

As leis do patz prohibem expressamente o jogo e portanto o facto constitue crime pelo qual alguém é responsavel.

Ou o vereador fez tal contracto com o assentimento da comissão administrativa e portanto pesa sob e esta collectividade a auctoridade, ou trabalhou de conta propria e neste caso, é elle o culpado.

Mas seja como for a comissão não pode já livrar-se do ridiculo que sobre ella pesa, alem do delicto.

Se a comissão teve conhecimento do facto mal andou em vir dizer para publico que era estranha, se o não teve devia dar explicações mais concretas deixando de se solidarizar com um acto que a deprime.

Ao menos pela dignidade dos cargos.

Por que quando não soubessemos de fonte auctorizada que o vereador de Vizella recebeu das casas de jogo, proveniente d'um contracto illegal cerca de 700.000 reis, sabiamos — e já era bastante para fazermos o nosso juizo — da propria bocca do vereador, que entre a comissão administrativa da Camara, ou entre elle vereador e as casas de jogo de Vizella, havia *contas* a liquidar em virtude de tal contracto.

Ha aqui ainda a complicitade escandalosa de quem podia e devia evitar esta pouca vergonha, mas, como o caso está affecto ao M.^o Governador Civil do Districto, não nos alongamos em considerações e esperamos que S. Ex.^a com a imparcialidade e espirito recto que sempre lhe reconhecemos, fará justiça que elle reclama.

A Velha Guarda.

O director d'este semanario deixou de ser desde 2 do corrente, passando a collaborador assiduo enquanto a «Velha Guarda», continuar defendendo e propagando os principios democraticos que

são a condição essencial do Partido Republicano Portuguez.

Fa-lo com desgosto, mas a vontade que tem de se dedicar com mais attenção e cuidado aos cargos politicos e administrativos que lhe estão confiados inibe-o de dispensar á direcção d'este semanario uma parte do pouco tempo de que, para assumptos d'estes, pode dispor.

Bem nos queria parecer!

O *fallecido* director da «Velha Guarda» é o maribondo vice-presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de Guimarães.

Bem nos queria parecer!

O *fallecido* directo como vice da comissão administrativa furta-se com esta falsa sahida, á responsabilidade que caberia aos seus cargos politicos e administrativos como director d'esse sudario de sandices que ahi se publica com o titulo de «Velha Guarda».

Assim é mais commodo.

Assim pode o *fallecido* barafustar á sua vontade, disparatar a seu gosto e não se dirá que é o vice que faz tanto esbabeche.

E lá o teremos, até ensandecer de todo, enquanto o papel continuar *defendendo e propagando* os principios democraticos.

Esta nem ao diabo lembra!

Quando é que o pasquim defendeu e propagou, na sua vida, os principios democraticos?

Quando é que elle soube o que era Democracia?

Falle o povo, que nós somos suspeitos.

Manifestação Republicana ?

No ultimo domingo á noite alguns populares que estavam gosando pacificamente a musica no passeio da Independencia descobriram se como se tem feito ultimamente ao ouvirem o hymno nacional. Muito bem até aqui; provou-se assim que ha respeito pelas instituições e pelas auctoridades locais.

O peor foi o resto: a manifestação republicana a fingir.

Nós e todas as pessoas de bem censuramos sempre as más acções quer sejam promovidas por A ou por B; e nós completamente indifferente á sua origem e assim, e é para isso que este jornal sahira publico, nós protestamos sempre contra tudo que seja sahira das boas normas.

Portanto d'aqui dizemos aos dois cavalheiros promotores da manifestação, que a si mesmo quizeram fazer, que nos assiste o direito de lhes esipir mais tino e mais prudencia para futuro, porque do contrario seremos implacaveis.

Deem vivas á republica e aos seus ministros, á Patria e a Portugal que isso agrada; a si mesmo não nos parece que o devam fazer porque é ridiculo.

Morras não os deem a ninguém porque é indigno e é baixo, denota mais instinctos demais quando dirigidos a pessoas de bem como aquella que quizeram *minuçar*.

Tenham juizinho, deem pão no caldo... e deixem-se de historias.

Por a policia

Por offensas corporaes, foram enviados ao Poder Judicial participações contra Antonio d'Oliveira Moura,

da rua de Traz Gaia, Emilia Lisboa, da rua das Lameiras, Adeão Brilha, de S. Jorge de Selho, e Aureliano Cesteiro, da rua do Dr. José Sampaio, desta cidade, em consequencia das queixas apresentadas, respectivamente pelo regedor da freguezia de Creixomil, por Casimiro Peixoto, de S. Jorge de Selho, e Jacintho d'Oliveira, da freguezia de Polvoreira, todos deste concelho.

—Por offensas á Moral publica, foi capturado e entregue ao Poder Judicial, Joaquim José Antunes, «o Laró» da rua de Traz Gaia, desta cidade.

—Na freguezia de S. João das Caldas de Vizella foi capturado, na occasião em que puchava duma pistola para sua mulher, o mendigo Fernando d'Oliveira, sem morada certa, tendo já dado entrada nas cadeas civis desta cidade.

—Queixou-se Antonio de Lemos, da freguezia de Mascotellos, deste concelho, contra Sebastião d'Almeida, filho José d'Almeida e mãe Rosa Mendes, todos da mesma freguezia de Mascotellos, por no dia 2 do corrente, pelas 3 horas da tarde, á porta da residencia do queixoso, o es-paucarem fortemente com um pau, produzindo-lhe um ferimento na cabeça e contusões pelo corpo. — Participado para juizo.

—Queixou-se Rosa de Magalhães, da freguezia de Fermentões, contra Luiz Lopes, da mesma freguezia por no dia 3 do corrente, a agredir violentamente, impossibilitando-a de trabalhar. — Participado para juizo.

—Queixou-se Antonio José Antunes, «o Laró» da rua das Lameiras, desta cidade, contra Domingos de Freitas Meira, de Creixomil, por no dia 3 do corrente, o haver espancado, produzindo-lhe dois ferimentos na cabeça e contusões pelo corpo. — Participado para juizo.

—Por offensas, corporaes na pessoa do infelis mendigo e paralytico Joaquim Marques da freguezia de S. Martinho de Sande, foi enviada para juizo participação contra Alvaro d'Oliveira, Joaquim Casca, José Rallo, todos da mesma freguezia de S. Martinho de Sande.

Deram entrada nas cadeas civis, desta cidade, José Joaquim d'Oliveira e Benjamim de Freitas, accusados de no dia 3 do corrente pelas 9 horas da noite, levantar vivas subversivos.

Queixou-se Manuel affonso Maduro, da rua de D. João 1.^o, contra os torneiros Ignacio e Antonio, da mesma rua, por no dia 13 d'agosto findo o espancarem, produzindo-lhe varias contusões pelo corpo. — Participado para juizo.

—Queixou-se Francisco Pereira, Gonçalves, da freguezia do Paraizo, contra Antonio Pereira «o Funeral» da freguezia de Gondar, por lhe haver furtado diferentes peças de roupa, um relóio de prata, e duas razas de feijões, tudo no valor de 308000 reis. — Participado para juizo.

CENTRO REPUBLICANO DE VIZELLA

Por iniciativa dos nossos amigos snrs. dr. Antonio Portas e Alvaro de Freitas, fundou-se no passado domin-

A JUSTIÇA

go n'aquella florescente povoação um centro Republicano.

O sr. dr. Antonio Portas, n'um pequeno e rasgado discurso, mostrou ao povo vizellense as vantagens da formação do centro, dizendo s. ex.ª que tinha por fim a união do povo n'um só grupo, forte, disciplinado e sem partidatismo, cujo programma se limitasse a tratar dos interesses do povo e da localidade.

Ao nosso amigo e ao povo de Vizella as nossas felicitações.

GRANDE E

ORRIVLE CRIME

O impagavel orgão da vice-presidencia da comissão administrativa da Camara, cujo juizo anda á razão da cabeça vice-presidencial, vomita cá para fora no seu ultimo numero este insolente disparate :

Nota das entidades officiaes que não assignaram o auto acima referido, apesar de para isso terem sido convidadas pela Camara, e que assim solemnemente protestam que não acatam o novo regimen republicano :

O auto em referencia é aquelle que se lavrou em signal de protesto contra os acontecimentos de 13 de agosto, e a nota insere varios nomes entre os quaes figuram como *entidades officiaes* — preparem-se os leitores que vão rir-se — «o proprietario do Hotel Avenida d'esta cidade e os proprietarios dos hotéis de Vizella: Cruzeiro do Sul, Universal, Sul-Americano e Vizella!

Nós imaginamos que um dono de hotel era um mero industrial, com o qual o Estado nada tinha, a não ser na época da cobrança das contribuições, mas agora ficamos sabendo, por o ler-mos no orgão, que são funcionarios do Estado.

Muito desejaríamos saber o grau official d'estes cavalheiros e o ordenado que recebem para lhes d'armos os parabens.

No fim entender da vice-presidencia da comissão administrativa da Camara, quem não foi assignar o auto « protesta solemnemente que não acata o novo regimen republicano !!!

Isto é espantoso e unico !

Espantoso pela insensatez que revella, o unico pela má fé com que foi escripto.

Não precisa de commentarios !

Basta sómente que se saiba que a Direcção da Associação Commercial, quando recebeu o convite da comissão, reuniu afim de resolver sobre o assumpto, e o membro da mesma, sr. Rodrigo Pimenta, um « republicano convicto, » mas « sincero e ponderado, » achando insufficiente o protesto que pretendia fazer-se, propoz e foi approvedo que a Direcção protestasse contra os acontecimentos de « 7 e 13 d'Agosto, » e depois accedesse ao convite.

O Sr. Rodrigo Pimenta protes-

tou como amigo da ordem e da legalidade.

Repelliu o desacato de 13, mas não se solidarizou com o de 7.

Reprovou os vivas á monarchia, mas tambem condemnou o escalamento de predios e a queima de inoffensivas bandeiras em nome da Republica.

Como um procedimento assim é nobre !

Como homens como este dignificam a Republica !

Não tardará que a rua lhe chame thalassa.

Tem muitas coisas bonitas a relação dos inimigos do regimen, e entre ellas mais esta :

Tambem inclue os Commandantes dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães e Vizella e *respectivas corporações!!!*

Esqueceu-lhe dizer se os bombeiros deviam ir fardados e debaixo de forma ou se ao menos tinham a liberdade de irem á vontade.

Que ordenados vencerão estes benemeritos que tanto se sacrificam pelo bem publico, para se lhes lançar em rosto tão grosseiro insulto?

Inimigos do regimen!

Elles, os amigos da humanidade!

Como isto repulsa!

Promette continuar a relação, mas fecha com *chave d'ouro*.

E' com o nome de Antonio Luiz de Pina, capitão reformado, no que ha de haver engano, pois aqui só ha um capitão Pina e esse é o sr. Luiz Augusto de Pina Guimarães.

Chamar a este cidadão *inimigo do regimen* é o mesmo que dizer que Camões nunca foi cego.

O redactor principal do brilhante semanario republicano «A Alvorada»! A *forjar* inimigos do regimen não ha quem lhe leve as lampas.

Irra!

O que vale é que a «Alvorada» já fallou bem claro, destruindo a inqualificavel infamia

AO-POVO DE GUIMARÃES

José Pinto Teixeira d'Abreu Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal, servindo de administrador do concelho:

«Attendendo ás occorrencias que se tem dado no jardim publico desta cidade, na occasião em que a banda do regimento toca o hymno nacional—occorrencias que os correspondentes d'esta cidade para os jornaes do Porto e Lisboa tem deturpado, exaggerando a realidade dos factos, talvez por informações menos certas, o que representa um manifesto descredito para esta terra —, e, considerando que as manifestações verbaes de qualquer especie tem sido a causa proxima d'estes acontecimentos, julgo medida acertada que acabem de vez, mesmo porque entendo que a forma mais solemne de todos se manifestarem, com demonstração de respeito e verdadeiro patriotismo durante aquelle acto, está simplesmente na reverencia devida ao hymno da nossa patria e não em VIVAS.

Neste sentido, e para que todos possam tranquilamente frequentar o mesmo jardim que foi construido á custa dos muniçes d'este conce-

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

AVENIDA CANDIDO DOS REIS—GUIMARÃES

lho, peço a todos os Vimaranenses, sem distincção de politica, se abstenham por completo de qualquer manifestação verbal durante aquelle acto, para assim se evitar a alteração da ordem e socego publico, que n'estes ultimos tempos tão abalados tem sido.

Guimarães, 6 de Setembro de 1911.

JOSÉ PINTO TEIXEIRA D'ABREU

A IMPRENSA

A vera causa

Do «Primeiro de Janeiro»
GUIMARÃES, 1

Não teve importancia o incidente hontem havido no «Passeio da Independencia» e telegraficamente transmitido a alguns jornaes de grande circulação.

Um discolo qualquer, quando toda a assistencia respeitavelmente se descobria durante a audição do hymno nacional, arrojou-se a motejar uns militares que perto estavam em contineacia.

Valeu-lhe o estúpido e inconveniente gracejo um correctivo applicado a tempo por um valente soldado que, além de nobilitar a farda que enverga, ensinou ao insolente uns rudimentares principios de respeito e boa educação. Preso, foi levado ante o illustre administrador do concelho que rapidamente compareceu, sendo por s. ex.ª admoestado e posto em liberdade.

Além d'isto, julgar-se-á por esse paiz em fóra Guimarães é um foco de sediciosos e desordeiros incorrigiveis.»

Julga-se effectivamente lá fóra e muito principalmente em Lisboa, que Guimarães é uma terra de selvagens, onde ainda não ardeu o facho da civilisação, mas a culpa é do collega correspondente e d'outros jornalistas que não primam por escrupular na veracidade das suas informações.

O caso a que o collega se refere não teve realmente importancia alguma, mas não se passou como o relata.

O individuo a quem chamadiscolo não desrespeitou o hymno nacional, não se arrojou a motejar ninguem, nem tampouco se encontrava no jardim publico.

Ja muito socegradamente a sahir duma casa proxima, já quando a musica tinha acabado de tocar, sendo n'essa altura abordado por um patife que, sem razão alguma, lhe lançou o chapéo ao chão, dando-lhe uma bofetada, não podendo o agredido desafrontar-se por ter sido logo rodeado de povo que serenou o conflito.

Na correspondencia do collega ha uma grande differença que é justo que seja rectificada.

E' que o individuo que alcunha de discolo e insolente é um rapaz pacato, muito delicado muito respeitador e incapaz de commetter tal imprudencia, ao passo que o *valente soldado* que *notiliou* a farda que enverga, tem todas as boas qualidades, inclusivé a de fazer *mão baixa*.

Fazemos-lhe a justiça de acreditar que o collega foi mal informado, mas informe-se bem e verá que temos razão.

De mais o collega deve saber o fim que visam certas manifestações que se tem feito.

Quizesse o collega fallar...

A JUSTIÇA

Vende-se avulso na
typographia onde é
impresso este jornal.

Pede-se a visita do publico ás nos-
sas succursaes para examinar os bor-
dados em todos os estylos: matiz
renda, abertos, mexicanos e romanos,
bordados venezianos, etc., execu-
dos com a machina

DOMESTICA BOBINE CENTRAL
a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias
em que se empregue costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Peça-se novos catalogos com grandes reduções de preços que se dão gratis

Mais um triumpho!

Entre todos os expositores de machinas para coser na
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BRUXELLAS, de 1910, foi a COM-
PANHA SINGER a unica que obteve o mais alto premio.

GRANDE PRIX

E' mais uma victoria, junto a tantas outras, que as excellentes e
bem construidas MACHINAS DE COSTURA SINGER
tem alcançado em todas as exposições

Companhia Fabril Singer

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Concessionario em Portugal

A. DOCK & C.ª

SUCCESSAES

BRAGA

69, L. do Barão de S. Martinho, 71

GUIMARÃES

Avenida Candido dos Reis



ANTIGA HOSPEDARIA PINHEIRO

SUCCESSOR

JOAQUIM HENRIQUE NUNES

Guimarães

Esta antiga hospedaria acaba de passar por importantes melho-
ramentos o que a torna mui commoda e confortavel. E dirigida
com todo o escrupulo, tem um pessoal competentemente habilitado
e encontra-se com todo o accio e limpeza.

MINERVA—TYPOGRAPHIA GUISE

RUA DE SANTO ANTONIO

GUIMARÃES

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, envelopes, par-
ticipações de casamento e todos os mais impressos para commercio, ca-
maras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia; rotu os pa-
ra pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.
Impressões a côres, e cartões de visita em todos os formatos e di-
versas qualidades.

PREÇOS MODICOS

CREAM OF WHEAT

FARINHA ALIMENTICIA

à Venda na Merceria Traz de S. Paio

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para creanças, pessoas debilitadas e idosas, feita
com o melhor leite da Suissa.

Merceria Traz de S. Paio—GUIMARAES

A Justiça

NOVA VIAÇÃO DE GUIMARÃES

—DE—

Manoel Lopes

Guimarães

PREÇOS LIMITADOS E SEM
COMPETENCIA

Alquilaria—Largo da Senhora da Guia.
Escritorio: Em casa dos snrs. Manoel
Joaquim da Cunha & Menezes, rua de Payo
Galvão—GUIMARÃES

Condições d'assignatura

Portugal, Africa e Brazil: Anno
1200 semestres, 600 reis; trimestre
300 reis; avulso, reis (Pagament
adeantado. Para fór. acrasce es-
tampilha)

Preço das publicações

Annuncios e communicações, p r
linha 40 rds
Repetições, per linha . . . 20 .
Permanentes, contracto especial.

Ao Cidadão